

UM ESPAÇO DE ESCUTA PARA FAMILIARES ENLUTADOS: A IMPORTÂNCIA DE NÃO IMPEDIR QUE O SOFRIMENTO AFLORE

Renata Curi Labate, Gisele Curi de Barros, Laís Mariana da Fonseca

Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de
Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo/Estado de São Paulo

Uma pessoa acometida por uma doença como o câncer muitas vezes necessita realizar um tratamento prolongado e invasivo. Quando as tentativas de remissão da doença se tornam escassas, paciente, família e equipe de saúde se vêem diante da possibilidade de morte. A fase de cuidados à pessoa em estado terminal pode ser vivida com grande sofrimento, e muitas vezes não há espaço para que se converse sobre a dor deste momento. Após a morte do paciente, os profissionais de saúde podem se dispor à assistência aos familiares enlutados quando necessário.

Objetivo: Neste trabalho, nosso intuito foi refletir sobre uma entrevista realizada a uma mãe enlutada que perdera a filha jovem, gravemente acometida por um câncer.

Método: O estudo se insere na metodologia de pesquisa qualitativa, que busca compreender sentidos e significados que um indivíduo atribui aos fenômenos que lhe dizem respeito. Realizou-se entrevista aberta, transcrita na íntegra posteriormente. Após leituras repetidas do material, este foi submetido a uma análise de conteúdo.

Resultados: A entrevista feita com a mãe se configurou na possibilidade de um espaço de fala e escuta para sua dor, permitindo que ela relembresse os intensos momentos vividos ao lado de sua filha gravemente doente. Ela pôde expressar sentimentos de culpa, pois tendo sido a cuidadora principal, questionava se poderia ter feito algo para evitar uma progressão da doença, como por exemplo ter levado a filha ao médico logo no início dos sintomas. Estes aspectos fortemente presentes em sua fase de enlutamento levavam-na à necessidade de repensar a situação de doença e tratamento da filha, que não pôde ser elaborada durante a fase dos cuidados terminais. Os sentimentos de culpa também foram dirigidos à equipe de saúde quando surgiram as limitações do tratamento médico, e a realidade da perda próxima tornou-se mais presente. Evidenciou-se sua dificuldade em conversar sobre a questão da morte com a filha, como se o fato de tocar neste assunto fosse um sinal de fracasso.

Conclusão: A experiência de ouvir esta mãe enlutada evidenciou a importância do profissional não impedir a expressão de sofrimento do familiar enlutado.